

**Mulheres empreendedoras, do terceiro mundo, multitarefadas/
*Entrepreneurswomen, ofthethird world, multithreaded***

*Greicy Juliana Moreira**
*Dulce Elena Coelho Barros***

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa qualitativa interpretativa, realizada por meio de questionários semi-estruturados, com mulheres empreendedoras, que, não obstante, desempenham o papel de arrimo de família, ou seja, mantêm a casa financeiramente e são gestoras com excelência. O objetivo, portanto, é investigar o universo feminino da mulher gestora, empreendedora e mantenedora do lar. Além disso, verificar como elas entendem-se como profissionais e ainda, compreender quais são as maiores dificuldades apresentadas no contexto profissional X pessoal. Assim, essa pesquisa será desenvolvida sob aporte teórico da crítica feminista do Terceiro mundo, como por exemplo, Mohanty (2003), Davis (2016), dentre outros. Os resultados desse estudo mostram que o caminho trilhado para chegarem onde estão foi árduo e continua sendo, uma vez que manter uma empresa funcionando e dar conta da vida pessoa, dividindo o tempo entre família e serviço não é fácil. Além disso, elas manifestam orgulho por conseguir sua independência financeira, prover o sustento da casa, contudo, disseram também ser uma responsabilidade muito pesada. Dessa forma, o presente estudo contribui como instrumento para formulações de ações políticas públicas em prol do universo feminino, auxiliando na diminuição das diferenças de gênero e promovendo melhorias sociais, com destaque para as mulheres que são mantenedoras financeiras do lar, melhorando suas condições de vida.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres de terceiro mundo; Empreendedoras; Multitarefadas; Arrimos de família.

ABSTRAT

This paper presents the results of a qualitative-interpretative research, be carried out through a semi-structured questionnaire, with entrepreneurial women, Notwithstanding play the role of family support, int he other words, they maintain the house financially and are managers with excellence. The objective, therefore, is to investigate the feminine universe of the woman entrepreneur and maintainer of the household. Also this, check how they understood themselves as professionals and yet, understand what are the greatest difficulties presented in the professional context reverse side personal. That way, this research will be developed under the theoretical support of Third World feminist critics, such as Mohanty (2003), Davis (2016), among others. The results of this study show that the beaten track to get where they are was arduous and continues to be, since keeping a company running and dealing with personal life, dividing the time between family and service isn't easy. Moreover, they expressed pride in achieving their financial independence, providing for the livelihood of the home, but they also said that it was a very heavy responsibility. Therefore, the present study contributes as an instrument for the formulation of actions and public policies in favor of the feminine universe, helping in the reduction of gender differences and promoting social improvements, especially women who are financial supporters of the household, improving their conditions of life.

KEYWORDS: *Third World Women; Entrepreneurs; Multithreaded; Family expenses.*

*Mestranda em Teoria do Texto e do Discurso-UEM, Maringá, Paraná, Brasil, magistragreicy14@gmail.com

** Doutora em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). É professora Adjunta na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Faz parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM), na linha de estudos do texto e do discurs, decbarros@uem.br .

1 Introdução

As mulheres conquistaram seus espaços no mundo do trabalho, mas ainda ganham menos que os homens e são menos valorizadas. Nesse sentido, pretendemos, à luz da crítica feminista, investigar o universo da mulher de terceiro mundo, gestora empreendedora e mantenedora do lar. Além disso, investigar como essas mulheres entendem-se como profissionais e compreender quais são as maiores dificuldades apresentadas no contexto profissional x pessoal.

Para realização dessa pesquisa utilizamos o método qualitativo-interpretativo, pois essa natureza considera o sujeito como ser histórico e social e trabalha no campo dos significados, dos valores, das crenças e das atitudes (Demo, 1987).

Para compor nosso *corpus* de análise, convidamos mulheres a partir das seguintes variáveis: mulheres, gestoras e mantenedoras do lar financeiramente, ambientadas em contextos socioeconômicos distintos, na cidade de Maringá-Pr.

A técnica utilizada para a coleta de dados foi questionário com questões abertas e outras de múltipla escolha, elaboradas na plataforma *Google Forms* e enviadas via e-mail, durante os meses de junho e julho de 2017. Essas perguntas foram elaboradas a partir dos pressupostos teóricos de Filion (1991) e além disso, baseamos-nos para realização do roteiro no guia elaborado por Socalshi (2004) com o intuito de auxiliar pesquisas sobre mulheres empreendedoras.

2 Feminismo nos seus três momentos

Este tópico tem o intuito de apresentar informações sobre os estudos realizados acerca dos objetivos dos movimentos feministas nos seus três momentos.

De maneira ampla, podemos dizer que o maior objetivo desse movimento é uma sociedade não hierárquica no quesito gênero, ou seja, não tem o interesse de conquistar privilégios femininos, mas sim buscar transformações sobre as condições femininas nos planos econômicos, sociais e culturais, conforme salienta Amelinha Teles no livro *Breve História do feminismo no Brasil*, publicado pela primeira vez em 1993, no Brasil.

Historiadores afirmam que, entre os séculos XV e XVIII, já surgiam denúncias dos maus tratos às mulheres, opressão e superioridade masculina. Em 1600, Moderata Fonte, escritor e poeta veneziano, publicou o livro *Merito della donna* (*Valor da mulher*), no qual destacou a rotina das donas-de-casa de sua época, as quais viviam enclausuradas, pois não tinham recursos, nem mesmo instrução para lutarem contra essa barbárie, estavam sujeitas a dominação masculina e, portanto, sonhavam com a liberdade.

Mas, o berço do feminismo, como movimento social e político, aconteceu a partir da Revolução Francesa, quando Olímpia de Gouges alvitrou a *Declaração dos Direitos da Mulher*. A ideia principal desse primeiro momento e/ou primeira onda era o sufrágio, lutadas mulheres pelo direito ao voto, impulsionado, pelas inglesas. Foi então, em 1893, na Nova Zelândia, que elas conquistaram o direito ao voto, primeiro Sufrágio Feminino, liderado por Kate Sheppard.

No século XX, em 1920, nos EUA, aconteceu o Sufrágio Feminino americano. Já, no Brasil, um forte nome dessa onda é Nísia Floresta, uma das primeiras mulheres a ultrapassar os limites e publicar textos em jornais e livros em defesa dos direitos da mulher. Assim, em 1922, nasceu a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que tinha como premissa lutar pelo sufrágio e o direito ao trabalho sem a autorização do marido. Mas, a conquista ao voto da mulher brasileira aconteceu somente no governo de Getúlio Vargas, em 1932. Posteriormente, em 1945, foi publicada a Carta das Nações Unidas: *Igualdade de direitos entre homens e mulheres*.

Na França, em 1949, Simone de Beauvoir, publicou o livro *O Segundo Sexo*, no qual analisa a condição feminina salientando que a mulher não é o “segundo sexo ou o “outro” por diversas razões sócio-históricas”. Essa obra é considerada importantíssima para as premissas da Segunda Onda Feminista.

Dois anos mais tarde, em 1951, foi aprovada pela Organização Internacional do Trabalho a igualdade de remuneração entre trabalho masculino e feminino para o desempenho da mesma função.

Em meados da década de 60, tivemos o começo da segunda onda feminista, nos Estados Unidos e na França. Nesse contexto, em 1963, Betty Friedan, ativista feminina, publicou o livro *A mística Feminina*, desencadeador desse segundo momento, no

qual criticava a ideia de mulher mistificada, após a crise de 1929. Nesse livro, que abalou a sociedade norte-americana, discutia-se, portanto, a crise identitária feminina, rejeitando a mulher como simples objeto de reprodução e submissão ao casamento e ao marido. Nessa época, ela era considerada apenas como dona de casa, escravizada e oprimida pelo trabalho doméstico invisível, cuidar da casa e dos filhos era o que determinava a sociedade patriarcal, conforme afirma Davis (2016).

Dessa forma, esse segundo momento expandiu as discussões sobre a ascensão e valorização da mulher no mundo do trabalho, contra a violência sexual, além de lutar contra a ditadura militar. Em 1975, a ONU (Organização das Nações Unidas) considerou o Ano Internacional da Mulher e instituiu referências para o entendimento dos ideais desse movimento feminino.

Por fim, a terceira onda, com início na década de 90 e ativa até hoje, ampliou os preceitos dos primeiros movimentos. No entanto, fez e faz críticas severas aos precursores. Judith Butler, como uma das principais teóricas desses preceitos contemporâneos, salienta que os ideais anteriores foram disseminados por mulheres brancas e de classe média. Além disso, defendiam o conceito de irmandade entre elas, ou seja, argumentavam que as opressões eram iguais tanto para brancas como para negras, tanto para mulheres heterossexuais, quanto para mulheres lésbicas, então a mulher era caracterizada pelo gênero apenas, sem distinção de diferenças raciais, de orientação sexuais e sociais.

Assim, atualmente, o foco principal é desconstruir a imagem de “mulher como categoria unificada, ou seja, as experiências vividas e dificuldades enfrentadas por mulheres brancas e negras, heterossexuais e lésbicas, além de transexuais, não podem ser generalizadas, pois as diferenças sociais, étnicas, de sexualidade e econômicas aumentam a lacuna entre as opressões e conseqüentemente diferem os objetivos almejados. Considerando esses fatores, esse movimento defende um feminismo interseccional com destaque para as mulheres negras e de terceiro mundo.

Coaduna-se a essas reflexões o discurso de Sojourner Truth, abolicionista e ativista dos direitos das mulheres, em 1851, “E eu não sou uma mulher?”, contraponto os ideais de um pastor, o qual dizia que as mulheres não podiam ter os mesmos direitos dos homens, porque eram frágeis, intelectualmente débeis, pois Jesus foi um

homem e não uma mulher e, por fim, a primeira mulher fora uma pecadora. Os dizeres dessa abolicionista, mesmo tendo sido proferido há muito tempo, é atualíssimo, pois, nele, ela retrata com excelência a posição social da mulher negra, uma vez que, se as brancas sentem-se em desigualdade no mundo corporativo em relação aos homens, para elas, as negras, muitas vezes, as dificuldades foram e são ainda maiores.

É válido ressaltar também que, na década de 70, feministas negras norte-americanas, como por exemplo, Beverly Fischer já denunciavam a ausência das reivindicações em prol das mulheres negras, contra o racismo e etnocentrismo, nos movimentos feministas.

Outra ativista de bastante renome nesse segmento é Angela Davis, uma das principais vozes que analisam as condições negras por um viés interseccional. Em sua obra mais importante *Mulheres, raça e classe*, publicada originalmente em 1981 e, no Brasil, pela primeira vez, em 2016, aborda os temas: feminismo negro, desvalorização histórica do trabalho feminino, trabalho doméstico: opressor/invisível, divisão sexual do trabalho e a dualidade entre a esfera pública (trabalho produtivo masculino) X esfera privada (trabalho reprodutivo da mulher).

No Brasil, o feminismo negro, movimento social que chama a atenção para a divisão sexual do trabalho, foi protagonizado por Sueli Carneiro, considerada uma das principais autoras. Hoje é diretora do Geledés – Instituto da Mulher Negra. Além de Lélia Gonzalez, filha de ferroviário e empregada doméstica indígena, graduada em história e filosofia, militante em prol da mulher negra, participou do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher (CNDM). Outro nome de destaque é Djamila Ribeiro, pesquisadora na área de Filosofia Política e feminista, tornou-se conhecida no país por seu ativismo virtual.

Paralelo ao Feminismo Negro temos o Feminismo Pós-Colonial e/ou de Terceiro Mundo, criticando também a ideia do feminismo tradicional das primeiras ondas, os quais concentravam-se apenas nas experiências e dificuldades encontradas pelas mulheres brancas ocidentais.

Nesse sentido, a ideia desse movimento é colocar em evidência, que as mulheres não-brancas do mundo pós-colonial não lutam pelos mesmos ideais, pois enquanto as brancas almejavam não precisarem da autorização dos maridos para trabalharem

fora, as negras, índias, etc, lutavam para sobreviver e já exerciam essas atividades domésticas escravizadas nas casas das brancas e além disso, sofriam opressões piores.

Uma das principais teóricas e defensoras desse movimento é Chandra Talpa de Mohanty, em seu artigo *Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses*” (*Sob o olhar ocidental: o saber feminista e os discursos coloniais*), nele ela defende que as feministas ocidentais homogeneizam a vida das mulheres de terceiro mundo. Para ela, essas experiências e opressões não podem ser igualizadas, pois como exemplifica, as mulheres da África não podem ser designadas como uma categoria sociológica idêntica, pois dentro desse universo as experiências vivenciadas são distintas, pois há que se considerar o contexto histórico e as diferenças culturais, mesmo no Terceiro Mundo. Além disso, Mohanty (2003) destaca, em sua obra, a exploração capitalista das trabalhadoras do “Terceiro Mundo”: indígenas e imigrantes de cor nos Estados Unidos e Europa Ocidental. Nesse sentido, ela luta para que essas mulheres tenham visibilidade dentro do universo feminista, pois essa ideia de sujeito monolítico, imposta pela teoria feminista ocidental, dissemina uma colonização discursiva sobre as mulheres do terceiro mundo.

Uma outra feminista que corrobora com os ideias de feminismo de terceiro mundo é a egípcia Nawal El Saadawi (2002) ela argumenta que os abusos e explorações sociais não são situações vivenciadas apenas por mulheres de países do terceiro mundo, como, por exemplo, as árabes e ou do Oriente Médio, mas que esses fatores são oriundos de um sistema político e cultural que predomina em quase todo o mundo. Nesse sentido, arrola essas atitudes opressoras em relação ao universo feminino ao advento do sistema capitalista e a globalização.

Portanto, esses dois movimentos: negro e pós-colonial argumentam que usar a designação “mulher” como grupo homogêneo para discussão feminista favorece apenas a questão de gênero e não acrescentam as diferenças raciais e étnicas às preocupações em prol do universo feminino no mundo.

Assim, para alcançar os objetivos desse estudo, faça-se necessário acrescentar às discussões informações sobre a ascensão da mulher no mundo do trabalho, o que faremos no próximo capítulo.

3 Mulher no mundo do trabalho: Ascensão X participação

Este tópico tem como finalidade apresentar informações sobre os estudos realizados a respeito do papel da mulher no mundo corporativo: ascensão e participação sob a perspectiva da crítica feminista.

O sociólogo Engels (2006) afirma que no advento da vida, a divisão do trabalho entre homens e mulheres não era hierárquica. As mulheres não eram limpadoras de casa, nem mesmo governantas, homens caçavam e mulheres colhiam. Segundo ele, não existia, naquela época, desigualdade social e sexismo. Assim, tudo o que se produzia para sobrevivência da família era realizado sob os comandos femininos. Dessa forma, as mulheres sentiam-se valorizadas por seus afazeres domésticos.

Já, na América colonial, elas eram taberneiras, trabalhavam em lojas de tabaco, drogarias, corte e costura de artigos de couro, etc. Assim, segundo ele “a importância econômica das mulheres, nas funções domésticas, era completada pelo seu papel visível nas atividades econômicas fora de casa” (DAVIS, 2016, p.161).

Ainda sobre essa questão, Davis (2016) ressalta que entre os masai, grupo étnico seminômade, africano, localizado no Quênia e no norte da Tanzânia, as mulheres eram responsáveis por todas as tarefas domésticas, além das ações de construção das habitações. Nesse sentido, salienta que para eles o trabalho das mulheres não era menor do que os exercidos pelos homens, os valores atribuídos eram iguais.

Porém, com a ascensão do sistema capitalista, no século XIX, tivemos as proliferações das fábricas têxteis. Então, a mulher transcendeu, efetivamente, as fronteiras do lar, deixou de exercer apenas aquela função tradicionalmente atribuídas à elas, donas de casa sem remuneração, e foi para o ambiente profissional. No entanto, acumulou jornadas de trabalho: além de trabalhar fora, precisava realizar as atividades domésticas e cuidar dos filhos.

Contudo, nessa época, elas exerciam trabalhos quase que escravizado, porque ficavam em ambientes impróprios, sujos e sem ventilação o dia todo. Soma-se a essa afirmação os dizeres da ativista “A realidade do lugar das mulheres na sociedade

do século XIX envolvia mulheres brancas cujos dias passavam operando máquinas de fábricas por salários que eram uma penúria” (DAVIS, 2016, p.162). Ela acrescenta ainda, que essas mulheres brancas eram assalariadas num primeiro momento e depois donas de casa, portanto exerciam, desde essa época, jornadas duplas, mas a segunda sem remuneração, ou seja, o sistema capitalista contribuiu, efetivamente, para o desenvolvimento de mulheres multitarefas.

Assim, houve o advento da dona de casa desvalorizada, ou seja, as tarefas domésticas passaram a ser consideradas como atividades menores, não remuneradas. Davis (2016) observa ainda, que esse trabalho doméstico é invisível e opressivo, pois as inúmeras tarefas caseiras consomem de quatro a mil horas anuais da mulher, um esforço imperceptível perante a sociedade masculina. Nesse sentido, ela salienta que essas atividades deveriam ser desvinculadas do sexo, ou seja, compartilhadas com o sexo oposto e acrescenta a questão da remuneração por essa atividade doméstica, questiona se assim fosse, se esse labor deixaria de ser opressor?

Mas, é importante salientar, que as mulheres negras trabalhavam fora de casa desde a escravidão, eram fortes e líderes, além disso já exerciam a dupla jornada. Muitas delas, deixavam suas casas e seus filhos para cuidarem das casas e dos filhos das brancas, um trabalho doméstico desvalorizado e escravizado, mas sem visibilidade política. Contudo, no final do dia, não possuíam energia para cuidar dos seus filhos e de suas casas, mas precisavam realizar essas atividades e sem reclamar.

A Nota Técnica publicada pelo IPEA, em março de 2016, revela que as mulheres, independente de raça e ou classe, sempre desempenharam e desempenharão excesso de atividades, tanto no contexto profissional, como no familiar.

Ou seja, mesmo as mulheres de mais alta renda, as sem filhos, as chefes de domicílio, todas sempre vivenciarão uma dupla jornada bastante intensa e exaustiva, significativamente superior àquela experimentada pelos homens nas mesmas posições (IPEA, 2016, p.22).

Essa habilidade feminina de desenvolver multitarefas pode ser exemplificada, no Brasil, pela empreendedora Francisca Rabelo, 45, ex-catadora de lixo, que virou empresária do ramo de reciclagem, na zona leste de São Paulo, Itaim Paulista. Serrana

(2014), jornal, divulgou em uma reportagem com a Sra. Francisca, na qual ela afirma que a ideia de catar lixo e transformar em renda familiar, surgiu quando o marido perdeu o emprego e ela, por sua vez, precisou buscar sustento para a família, virou gestora e mantenedora do lar com renda oriunda dos reciclados, mas no segundo turno, continuava a desenvolver as obrigações do lar, como por exemplo, lavar, passar cozinhar, limpar a casa e cuidar dos maridos e filhos.

Belloni (2015) acrescenta que, ainda no Brasil, essa capacidade feminina também é expressa por Zica, Heloísa Assis, ex-faxineira, gestora e empreendedora, que desenvolveu um produto para cabelos cacheados, dando origem à marca de sucesso nacional, Beleza Natural, e como a anterior, também realiza jornadas duplas.

Vieira (2016) disserta sobre uma pesquisa realizada pelo IBGE, na qual aponta um aspecto que valida os dizeres dessas duas empreendedoras citadas: além de trabalharem entre e oito e dez horas diárias, a mulheres ainda precisam, ao chegar em casa, realizar as atividades domésticas, funções de mãe, dona de casa e esposa.

Uma pesquisa divulgada no site Empoderamento das mulheres–trabalho e valorização, realizada pelo Ministério do Trabalho e Emprego, revela que:

No Brasil, em 2014, as mulheres brancas gastaram, em média, 20,4 horas semanais em afazeres domésticos; as mulheres pretas, 21,6 horas; as mulheres pardas, 22,0 horas; as mulheres indígenas, 24,3 horas; as mulheres amarelas, 20,8 horas. Com relação ao trabalho principal, as mulheres brancas trabalharam, em média, 36,4 horas semanais; as mulheres pretas, 35,0 horas; as mulheres pardas, 34,1 horas; as mulheres indígenas, 32,1 horas e as mulheres amarelas, 38,9 horas (TEM, online, 2017).

Além disso, os direitos trabalhistas delas sempre foram inferiores aos recebidos pelos homens. Portanto, a partir dos movimentos feministas que lutam por direitos civis, políticos e trabalhistas, as mulheres conseguiram avançar um pouco em questões relacionadas a equação salarial entre homens e mulheres.

Como exemplo desse avanço podemos citar a greve realizada em oito de março de 1857, nos EUA, quando 129 operárias morreram queimadas na fábrica têxtil reivindicando redução da jornada de 14 para 10 horas/dia e licença maternidade. A partir desse dia, ficou instituído o “Dia Internacional da Mulher”.

Outra revolução aconteceu em Dagenham, Inglaterra, na qual as mulheres que trabalhavam na fábrica da Ford, na época a quarta maior montadora do mundo, fizeram greve solicitando melhorias salariais e melhores condições de trabalho. Como resultado conseguiram, em 1970, ter um aumento salarial. Portanto, receberiam, a partir daquele momento, setenta por cento dos salários recebidos pelos homens.

Corroborando com essas informações, o Índice Global de Desigualdade de Gênero, divulgado pelo Fórum Econômico Mundial, em 2015, o qual examinou as diferenças de oportunidades para homens e mulheres em 144 países nas áreas de saúde, educação, paridade econômica e participação política, apontou que o Brasil ficou na rabeira, é 85º colocado, ou seja, o segundo pior país em *ranking* de desigualdade salarial entre o sexo masculino e feminino. No estudo divulgado, também, constatou-se que a igualdade de gênero, no mundo, só será possível mais ou menos em 2095, “porque existe acentuada discrepância em representatividade política e paridade econômica, destaca o relatório” (Fórum Econômico Mundial, 2015).

Somado a esses fatores, levantamentos apontados pelo Ministério do Trabalho revelam que em 10 anos o percentual de participação delas no mercado profissional cresceu quase 4%, saltando de 40,8% em 2007 para 44% em 2016 (Portal Brasil, 2017).

Além disso, um estudo divulgado pela Serasa Experian apontou que 8% da população feminina do Brasil são empreendedoras e possuem idade média de 44 anos (Serasa, 2015). Outro fator relevante, é que elas representam 43% dos proprietários de negócios empreendedores no país, sendo 72,9% como gestoras de micros e pequenas empresas e 0,2% em empresas de grande porte. Essa pesquisa aponta ainda, que 52,1% das empresas estão localizadas na Região Sudeste e em segundo lugar a região Sul com 19%.

Nesse sentido, podemos observar que as mulheres empreendedoras estão em ascensão em diversos segmentos econômicos como, por exemplo, indústria, comércio, prestação de serviços, sejam eles formais ou informais.

Tene (2015) diz que, em Maputo, durante a Conferência Internacional sobre Igualdade de Gênero e Empoderamento das Mulheres (CIGEM), co-organizada pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM) e a Cooperação Italiana, foi revelado o fato de a divergência salarial e as jornadas duplas serem apenas

algumas das dificuldades apresentadas nesse contexto, pois há falta de cultura de gestão de negócios entre mulheres, são reflexo da posição social comumente atribuída a elas.

Assim, muito há que se dizer sobre as desigualdades entre homens e mulheres. E, em especial, muito há que se dizer sobre as desigualdades existentes entre as próprias mulheres, com destaque, nesse trabalho, para as empreendedoras mantenedoras do lar e arrimos de famílias. Pois, mesmo que exista um marcador comum que as coloque em piores condições no espaço do trabalho, existe muito que as separa e as hierarquiza e isso, cada vez mais, precisa ser visibilizado e enfrentado (IPEA, 2016, p.3). Em virtude disso, as contribuições do feminismo negro e de terceiro mundo, corroboram para disseminação dessas diferenças.

Com intuito de avançar e alcançar o objetivo desse artigo, no próximo capítulo, apresentaremos análise das dificuldades encontradas por essas atrizes sociais, baseando-nos nas críticas feministas contemporâneas.

4 Análise sobre o perfil da mulher empreendedora

O tópico a seguir apresenta um resumo das informações concedidas pelas mulheres, com o intuito de responder as indagações da pesquisa pautadas nos pressupostos dos capítulos anteriores.

Para realização da pesquisa foi utilizado um roteiro com perguntas semiestruturadas abertas e fechadas, encaminhado, via e-mail, para vinte empreendedoras, sobre questões relacionadas ao desempenho e dificuldades pessoais e profissionais. No entanto, apenas sete responderam a pesquisa.

Assim, observou-se que mais da metade das entrevistadas possuem microempresa e também, 57% delas contam com uma renda acima de dez salários mínimos.

Outro fator relevante é o fato de que o empreendedorismo nos casos observados se deu 50% por necessidade, em alguns casos para aumentar a renda e em outros por terem sido dispensadas dos empregos anteriores, conforme salienta Dornelas

(2014) o empreendedor por necessidade não tem outra opção e desenvolve negócio próprio para ter um retorno financeiro.

De acordo com as discussões sobre empreendedorismo, como por exemplo nas acepções de Chiavenato (2005) quando denomina os empreendedores de heróis populares do mundo dos negócios, a presente pesquisa revelou que o caminho trilhado para chegarem onde estão foi árduo e continua sendo, uma vez que manter uma empresa funcionando não é fácil, segundo elas, pois são mulheres e as dificuldades vivenciadas são potencializadas.

Para avançar a discussão, perguntamos se elas enxergam algum preconceito relacionado a mulher na gestão de uma empresa. Nas respostas, foi apontado o machismo e assédio moral, porém afirmaram ser menos do que em outros momentos históricos. Contudo, a maioria revelou não enfrentar maiores dificuldades por conta disso.

Outra pergunta importante feita foi: “Uma mulher no poder tem que ter uma postura diferente de um homem na mesma posição? Comente!”. Elas afirmaram que ao assumir o poder não podem demonstrar fraquezas, precisam agir com razão e demonstrar objetividade, não podendo deixar-se intimidar. Nesse sentido, podemos inferir que a mulher para ocupar certos espaços públicos, como de poder, parece precisar se masculinizar, já que necessita assumir um comportamento, atitudes, consideradas “próprias” do gênero masculino.

Além disso, para aumentar as discussões sobre as dificuldades encontradas, considerando os contextos sociais e econômicos, solicitamos que relatassem como foi o percurso trilhado até a gestão de uma empresa.

Duas, uma parda e outra negra, coincidentemente do ramo da beleza, disseram não terem feito curso superior por falta de oportunidade, pois precisaram trabalhar desde muito cedo. Assim, fizeram apenas cursos profissionalizantes para exercerem a profissão. Lutaram, trabalharam e trabalham mais de dez horas por dia, além das atividades domésticas. Já as outras cinco, de raça branca, afirmaram terem feito faculdade para exercerem a profissão atual. Duas delas, concomitante aos estudos, trabalharam e as outras três disseram que apenas estudaram durante a faculdade, pois os pais podiam, naquele momento, subsidiar os custos.

Infere-se, nesse sentido, que os caminhos trilhados por essas gestoras de classes sociais distintas foram diferentes: para algumas mais árduos que para outras. Contribuem para a análise os apontamentos do feminismo negro: mulher negra conseqüentemente tem baixa escolaridade, denotando a desigualdade de gênero e raça existentes no mundo corporativo. Além disso, esses relatos vão ao encontro das palavras de Seiffert (2004) quando afirma que a atividade empreendedora é incerta e afetada por diversos fatores econômicos e sociais.

As mulheres entrevistadas consideraram-se bem-sucedidas pessoal e profissionalmente, porque possuem negócio próprio e conseguem ter estabilidade financeira. Assim, apresentaram perfil positivo em relação ao seu desempenho profissional, afirmaram sentirem-se importantes por conseguirem desempenhar as atividades com excelência, são persistentes e pretendem aumentar sua participação no mercado. Soma-se a isso as afirmações de que realização pessoal é a principal característica empreendedora, como explicitado nas respostas dessas atrizes sociais.

Com intuito de avançar na pesquisa, foi questionado como elas analisam o fato de ser mantenedora do lar. Conforme as respostas, 42,9% afirmaram manter a casa financeiramente com recursos oriundos do seu empreendimento. Elas manifestaram orgulho por conseguir sua independência financeira, prover o sustento da casa, contudo disseram também ser uma responsabilidade muito pesada.

No entanto, 71,4% afirmaram trabalhar mais de oito horas por dias, e ainda, durante os finais de semana. Tais afirmações vão ao encontro das revelações de Boaventura (2010) quando afirma que nas suas pesquisas observou a dupla jornada da mulher empreendedoras, sobrecarga de trabalho e *estres*.

Isso acontece porque precisam conciliar as atividades domésticas com as profissionais, ficando muitas vezes divididas, sem conseguirem priorizar nenhuma e sentirem-se culpadas por isso, conforme salientaram em suas respostas e observado por Boaventura (2010) sentem-se culpadas, mas mesmo assim buscam melhorar e são autoconfiantes.

A pesquisa revelou também, que o advento dos utensílios domésticos facilitam essa carga pesada, mas dentre as entrevistadas, percebeu-se que as que possuem rendas maiores dispõem de facilidades domésticas que as demais não podem ter.

Nesse sentido, o trabalho doméstico torna-se mais opressor para umas do que para outras como salienta Davis (2016) reforçando também os ideais do feminismo de Terceiro Mundo, não somos todas iguais.

Assim, a partir desses levantamentos, podemos entender que existem fatores diversos que contribuíram para que essas mulheres se tornassem empreendedoras e desempenhem multiplicidade de funções, como por exemplo, situação socioeconômica, ou seja, existe a necessidade de trabalhar para sustentar a família, ou mesmo, por uma questão de posição social, ser aceita como profissional de destaque no mercado.

Como podemos constatar, ao confrontarmos as acepções das críticas feministas e as respostas das entrevistadas, podemos inferir que os apontamentos estão bastante presentes nas respostas das nossas entrevistadas: são empreendedoras por necessidade, mantenedoras financeiras do lar, multitarefadas com jornadas excessivas de trabalho, contudo sentem-se orgulhosas por participarem ativamente do mundo corporativo e conseguem administrar o lar.

Considerações finais

De acordo com o que foi exposto, com o presente estudo foi possível conhecer um pouco sobre o universo feminino no mundo corporativo, mais especificamente como essas mulheres empreendedoras entendem-se como profissionais e quais são as maiores dificuldades encontradas em contextos distintos.

Dessa forma, ficou evidente que elas conseguem realizar diversas funções, e as desempenham com excelência, no entanto, sempre atribuladas, correndo prá lá e prá cá, sem muito planejamento de distribuição de tempo para execução dessas atividades.

Somado a esses fatores, conforme os dados fornecidos pelo IPEA (2016), estamos longe de conseguir igualdade de gênero, por isso, faz-se necessário que mais pesquisas sejam realizadas, divulgadas para que consigamos avançar nesse quesito e melhorar o desempenho e produtividade da mulher empreendedora.

Por fim, podemos inferir que o estudo em questão contribuiu com informações preciosas para os demais estudos o papel da mulher no ambiente corporativo, ampliando

as discussões sobre o assunto, ou seja, entendendo melhor esse universo e contribuindo com a divulgação da pesquisa para que sejam avançados os estudos nessa área.

É importante salientar ainda que, as mulheres são vítimas de discursos que as apontam como super-mulheres, que conseguem desenvolver várias atividades ao mesmo tempo, porém não fazem nada para minimizar essas dificuldades. Assim, pretendemos à luz dessa pesquisa contribuir significativamente com os movimentos feministas para que haja mudança de visão sobre o papel da mulher na sociedade, minimizando assim as diferenças de gênero e ainda, a exploração da mulher no ambiente corporativo.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BELLONI, Luiza. *Conheça Zica Assis: A ex-faxineira que se tornou uma das mulheres mais poderosas do País após criar salão para cabelos crespos*. Disponível em: http://www.huffpostbrasil.com/2015/08/30/conheca-zica-assis-a-ex-faxineira-que-se-tornou-uma-das-mulheres_a_21682541/. Acesso em: 10 de abril 2017.
- BOAVENTURA, Maria Goreti. *Gênero e empreendedorismo: mulheres empreendedoras no setor de moda em Belo Horizonte*. Belo Horizonte: Boaventura. – FNH, 2010.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CHIAVENATO, Idalberto. *Empreendedorismo: dando asa ao espírito empreendedor*. Saraiva. São Paulo, 2005.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016
- DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987.
- DORNELAS, José Carlos Assis. *Empreendedorismo: transformando ideias em negócios*. 5. ed. - Rio de Janeiro: Empreende / LTC, 2014.
- ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Tradução de Ruth M. Klaus: 3ª. Centauro Editora, São Paulo, 2006.
- EL SAADAWI, Nawal. *A face oculta de Eva: as mulheres do mundo árabe*. São Paulo: Global, 2002.
- FILION, Louis Jaques. *O planejamento de seu sistema de aprendizagem empresarial: identifique uma visão e avalie o seu sistema de relações*. Revista de Administração de Empresas. São Paulo: FGV. v. 31, nº 3, jul-set, 1991.

FOLHA SERRANA. *Ex-catadora de lixo de Banabuiú-CE vira empresária e ganha destaque na Folha de S. Paulo*. Disponível em:

<<http://folhaserrananoticias.blogspot.com.br/2014/05/ex-catadora-de-lixo-de-banabuiu-ce-vira.html>>. Acesso em 10 de abril 2017

FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *Percentual de pessoas ocupadas no trabalho principal e de pessoas que realizaram afazeres domésticos segundo as horas semanais -2001/2014*. Disponível em:

<http://relatoriosdinamicos.com.br/mulheres/trabalho/BRA004041211/maringa---pr>. Acesso em: 10 de ago. 2017.

MOHANTY, Chandra Talpa de. *Under the Western Eyes Revisited: Feminist Scholarship and Colonial Discourses* In: *Feminism Without Borders: Decolonizing Theory, Practicing Solidarity*. Duke University Press, 2003.

PINHEIRO, L. TEIXEIRA, A, OLIVEIRA, N. *Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004-2014*. Nº 24 Brasília, março de 2016. IPEA: Disponível em<http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/nota_tecnica/160309_nt_24_mulher_trabalho_marco_2016.pdf> Acesso em: 10 de mai. 2017.

PORTAL BRASIL. *Mulheres ganham espaço no mercado de trabalho*. Disponível em:<<http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2017/03/mulheres-ganham-espaco-no-mercado-de-trabalho>> Acesso em: 20 de maio 2017.

SERASA XPERIAN. *Brasil tem mais de 5 milhões de mulheres empreendedoras, revela estudo inédito da Serasa Experian*. Disponível em:<<http://noticias.serasaexperian.com.br/blog/2015/02/23/brasil-tem-mais-de-5-milhoes-de-mulheres-empreendedoras-revela-estudo-inedito-da-serasa-experian/>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

SEIFFERT, Peter Quadros. *Empreendendo Novos Negócios em Corporações: estratégias, processos e melhores práticas*. Atlas, 2004.

SOCALCHI. Brasília. *Entrevista com um empreendedor*. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:5KVBi1w5IT4J:www.cesarkallas.net/arquivos/faculdade/empreendimentos-1/EI_I_Perfil_empreendedor/ei_23_Entrevista%2520_guia_para.doc+&cd=4&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br/>. Acesso em: 08 de junho de 2017.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil: e outros ensaios*. ed. atualizada. São Paulo. Alameda, 2017

TENE, Ana Rita. *Para Mulher empreendedora falta experiência e acesso ao crédito*. Disponível em:<<http://www.jornalnoticias.co.mz/index.php/pagina-da-mulher/47680-para-mulher-empreendedora-falta-experiencia-e-acesso-ao-credito.html>>. Acesso em: 08 de junho de 2017.

VIEIRA, Isabela. *Mulheres trabalham cinco horas a mais e ganham 76% do salário dos homens*. Disponível em: < <http://agenciabrasil.ebc.com.br/print/1056926>. Acesso em: 08 de junho de 2017.

Recebimento: 22/03/2018

Aceite: 11/09/2018